

Jornal
Psi

ia em Foco[©]

30
EDIÇÃO

ABRIL, MAIO E
JUNHO DE 2016

10 E 11 SESSÃO ESPECIAL
Ciúmes e Culpas:
sentimentos nossos de cada dia...

4 ENTREVISTA

JPF conversa com Rute sobre o conceito
de Psicologia Ambiental

7 COTIDIANO

Quando falo do outro, o que digo de mim?

14 CONEXÕES

Sobre emoções, saudades e ausências

Jornal
Psicologia em Foco®

ISSN 2178-9096

EDIÇÃO Nº30
ABRIL, MAIO E JUNHO DE 2016

COORDENAÇÃO

Vinícius Romagnolli R. Gomes
(CRP 08/16521)

EDIÇÃO

Toni Trentinalha

REDAÇÃO

Cícero Felix, Eduardo Chieritto (CRP 08/22624), Emily Albuquerque, Gabriela Cristófoli, Ieda Marinho, José Valdecí Grigoletto Netto, Laura Christofolletti, Toni Trentinalha, Thais Koga

REVISÃO

Christian Silva Reis, Giovana Bertoni
(CRP 08/19036), Luana Ramos Rocha

CAPA E PROJETO GRÁFICO

Vermelho Panda Design

DIVULGAÇÃO

Amanda Franco, Bruna Maia, Cayla Aparecida de Sousa, Eduardo Chieritto (CRP 08/22624), Fernanda Maysa Borniotto, Lauren Stephani, Thaynara Felipe

IMPRESSÃO

Gráfica O Diário

TIRAGEM

2000 exemplares

**ACESSE NOSSAS MÍDIAS SOCIAIS
PARA RECEBER NOVIDADES E
CONTEÚDOS EXCLUSIVOS**



facebook.com/
psicologiaemfocoinstituto

PUBLIQUE SEU ARTIGO

envie um e-mail para
ipfoficinadosaber@gmail.com

ou entre em nosso site para
maiores informações
instituto psicologiaemfoco.com.br

CARTA AO LEITOR



JPF e o Mundo...

TONI TRENTINALHA

Acadêmico do 4º ano de Psicologia na
UniCesumar e membro do Instituto
Psicologia em Foco.

EDUARDO CHIERRITO

Psicólogo clínico de Orientação Analítica
(CRP 08/22624). Mestrando em Tecnologias
Limpas na UniCesumar e membro do Instituto
Psicologia em Foco.

“Enquanto os problemas do mundo estão cada vez mais complexos, as soluções permanecem cada vez mais simples”. A frase é de Bill Mollison, um dos principais entusiastas da permacultura. Trata-se de um sistema para criação de ambientes humanos, sustentáveis e produtivos, em equilíbrio com a natureza. Seria utópico se não fosse urgente, e o momento requer a ressignificação de nossa existência em nível subjetivo.

Somos todos constituídos singularmente humanos, mas qual seria a relação do ambiente com essa constituição? Por mais que tentemos dividir o ambiente em lugares, cidades, continentes e, por mais que a ficção científica nos tente fazer crer que o Universo é cheio de possibilidades, não há para onde ir além desse limite. Logo, ser humano e Planeta se tornam o mesmo organismo.

A nossa casa é a Terra, que compartilha trocas com todo o Universo, como uma teia gigantesca e dotada de vida. É nela, na Terra, nosso limite fronteiro de existência, e ainda não compreendemos que a atitude não positiva direcionada ao meio ambiente possui reflexo imediato em nossa existência, ou seja, ser inconsequente em relação ao meio, também reflete a consciência leviana de nós mesmos.

Essa dicotomia que trouxemos do dualismo ainda fere e confunde nossas relações ecológicas e ambientais; afi-

nal o que é fora? E o que é dentro? O aquecimento global, a escassez de água e as enchentes, a falta de energia, a falta de alimentos... São temas rotineiros, mas parecem posuir valor apenas se afetam nossa realidade individual.

Logo, romper esse antropocentrismo para uma visão holística com o ambiente deveria se tornar aprendizado básico, tal qual escovar os dentes. Caso contrário, as previsões não serão positivas...

Todavia previsões são feitas para o futuro com base em uma causalidade específica do presente. Se o tempo exercer força no agora, a base atitudinal pode ser substituída e a previsão falhar a longa escala. A integração entre do humano e sua relação com o mundo não é uma temeridade. Propostas como a permacultura, o retorno ao conhecimento “primitivo” ou o avanço das ciências ambientais, contribuem para que a nossa percepção individual rasgue o véu de impossibilidades.

Falando em tempo, presente, futuro, agora... de ano em ano há o costume de se comemorar aniversários. Fazemos seis anos! Parabéns a nós e a vocês, leitores assíduos. Que o brilho nos olhos seja o reflexo de nosso sentido de existir. Ótima leitura...

QUEM SOMOS NÓS?

Somos o Instituto Psicologia em Foco, e atuamos em busca de promover a troca de saberes em um espaço inovador. Contemplamos dois projetos: Jornal Psicologia em Foco (JPF) e Oficina do Saber.

Criado em 2010, o JPF busca viabilizar um espaço para produção científica de acadêmicos e profissionais da Psicologia, bem como para promoção e divulgação de eventos relacionados a esse saber. O jornal possui uma tiragem trimestral de 2.000 exempla-

res com distribuição gratuita nas principais instituições de ensino superior de Maringá e região, assim como para assinantes em clínicas de saúde, empresas e parceiros.

Criada em 2011, a Oficina do Saber acontece de março a meados de dezembro, e se dispõe a viabilizar um espaço enriquecedor de troca de saberes, buscando preservar a cultura a partir de um conhecimento sem dogmas e com uma linguagem acessível e rigorosa.



ACONTECEU

A primeira Oficina do Saber, contemplando o eixo temático Emoções, aconteceu no dia 19 de março com o evento intitulado “Um panorama das Emoções na perspectiva das representações sociais”. No período da manhã houve a palestra com Eduardo Augusto Tomanik e à tarde, a apresentação do filme “O Jardim de Rosas” e a sua discussão.

Já na noite do dia 15 de abril, Cláudio Eduardo Rubin ministrou a palestra “Qualquer maneira de amor não vale a pena. O amor herege entre a transferência e o sacrifício”. Na manhã do dia seguinte foi a vez das psicanalistas Marta Dalla Torre e Valéria Codato ministrarem a palestra “Ciúmes e culpas: sentimentos nossos de cada dia...”. Na parte da tarde foi apresentado o filme “Sentimentos de Culpa” e, na sequência, sua discussão.



AÇÃO SOCIAL

Da inquietação de um grupo de amigos preocupados em fazer algo pela sociedade visando um mundo melhor e mais justo, surgiu o D.A.P.A. (DE AMIGOS PARA AMIGOS).

O grupo tem como missão ajudar – através de uma corrente solidária de amigos – entidades, ONGs, associações, enfim, instituições sem fins lucrativos que já realizam trabalhos sociais. Os amigos entendem que, ao invés de se criar mais um projeto, é tão valioso quanto, ajudar e potencializar projetos sociais já existentes, que realizam trabalhos lindos e árduos, e que precisam de muita ajuda, visto que alguns sofrem muito para se manterem mês a mês.



O D.A.P.A. foi criado em setembro de 2014 e desde então realiza suas campanhas dividindo-as em ação (visitas recreativas a entidades) e doação (arrecadação de itens necessitados pelas ONGs). A primeira campanha de 2016 do grupo, realizada em janeiro, foi de doação, em prol da Creche Menino Jesus, para a qual foram arrecadados materiais escolares. Em fevereiro, a campanha foi de ação, no Asilo São Vicente de Paulo de Mandaguáçu, onde foi realizada uma tarde festiva para os internos com o tema do Carnaval, com muita marchinha carnavalesca, comes e bebes, além de kits de higiene pessoal que foram entregues de presente aos velhinhos do asilo.

Todo o trabalho do D.A.P.A. é documentado e controlado para quem quiser conferir e se informar. Basta acessar a página do grupo no facebook (www.facebook.com.br/grupodapa) ou entrar em contato através do e-mail grupodapa@gmail.com.



PENSO ASSIM

Quem e ninguém

MESTRE SIBA

Cantor e compositor brasileiro.

Quem tem dinheiro consome
Decide, manda e manobra
Mas quem não tem come a sobra
Que é pra não morrer de fome

Quem tem dinheiro tem nome
Quem não tem não é ninguém

Quem tudo tem, passa bem
Quem nada tem, dá um jeito
Quem tudo tem, tem direito
E quem nada tem, nada tem

Quem tem dinheiro controla
Radar, satélite e antena
Palco, palanque e arena
Onde quem não tem rebola

Quem tem fornece a bitola
Aonde quem não tem se mede

E a mão que tem, quando cede
Tem outra carta no bojo
E quanto dá, é com nojo
Da mão que se estende e pede

Quem tudo tem pisa a terra
Como quem merece o mundo
Quem nada tem, vive imundo
No canto que está, se emperra

Quem nada tem vai pra guerra
E quem tem tudo escapa ileso

Quem tudo tem vive obeso
Nem pra se mexer se anima
E quando cai é por cima
De quem não pode com peso

Quem nada tem nem se espanta
Por já saber muito bem
Da sobra que sempre tem
Na mesa onde quem tem janta

Quem tudo tem se levanta
Onde quem não tem só desce

Quem tudo tem desconhece
Ou vê com óculos escuros
Que logo além de seus muros
Quem não tem nada padece

Quem nada tem, de repente
Pode bem passar a ter
E com o dinheiro fazer
Quase tudo diferente

Pra ser gente igual à gente
Que teve a vida todinha

Porém, em toda festinha
Sempre alguém diz “você tem
O jeito e a cor de quem
Nasceu pra não ter nadinha”

Quem tudo tem se mantém
Quase sempre inacessível
Por sempre ter disponível
Em cada esquina um alguém

Que está contente também
Arrodeando o poder

E até mesmo tem prazer
Toda vez que bota o pé
No pescoço de um mané
Que também sonha em crescer

CHARGE

3 HOMENS EM CONFLITO... OU QUASE ISSO.

ALAN BARIANI





Dra. Rute Grossi Milani

Graduada em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá (CRP 08/05806), Mestre e Doutora em Saúde Mental pela USP (2006). Atua como Psicóloga Clínica e Docente do curso de Psicologia e dos Programas de Mestrado em Promoção da Saúde e Tecnologias Limpas da UniCesumar.

JPF: Muitas pessoas, ao ouvirem sobre a Psicologia Ambiental, se questionam sobre esse conceito. Dada a originalidade e a novidade dessa proposta no cenário atual, como se pode compreender essa perspectiva?

RUTE: Realmente é um conceito novo em nosso meio, ainda pouco explorado nos cursos de graduação. Porém, já existem inúmeras pesquisas internacionais sobre o assunto, principalmente na Europa, Estados Unidos, México etc. É uma área da Psicologia que busca compreender as relações entre pessoa e ambiente, analisa o comportamento e a experiência humana nos cenários como a rua, o edifício, os espaços naturais, os espaços públicos, parques, bairro, tanto com relação às influências que o ambiente causa no indivíduo, quanto em relação às atitudes humanas frente ao ambiente. A primeira abordagem estuda os efeitos ambientais sobre o comportamento. Por exemplo: como o viver na cidade afeta nossa saúde? Ou, na arquitetura e urbanismo, como o conhecimento da psicologia ambiental ajuda a criar ambientes que proporcionem bem-estar. Inclui estudos sobre percepção ambiental, mapas cognitivos, identidade de lugar, entre outros. Ou seja, quando pensamos na cidade de Maringá, o Parque do Ingá é um dos pontos turísticos que dá identidade e concentra boa parte da base emocional e afetiva da cidade, pois guardamos lembranças de infância vividas ali, que contribuem para o nosso apego à cidade, bem como compõem nossa identidade. A segunda abordagem estuda como e porquê o comportamento humano afeta o ambiente. Vivemos em um momento de grandes mudanças ambientais: condições climáticas, extinção de numerosas espécies, escassez de água, poluição, superconcentração de populações em meio urbano e assim por diante. Em que medida tudo isso resulta do comportamento humano? Vivemos em um momento em que é crucial fazermos uma reflexão sobre nossas atitudes, crenças, valores, traços de personalidade que interferem na sustentabilidade ambiental. É muito importante que

o profissional nessa área tenha uma perspectiva holística para analisar as relações recíprocas conduta-ambiente que determinam o comportamento, e utilize os referenciais da psicologia e de outras áreas do conhecimento num enfoque interdisciplinar para compreender a interação do indivíduo com os aspectos da vida urbana, podendo aplicar métodos variados de pesquisa, como a pesquisa ação.

A ontologia possui uma importância singular para os psicólogos, alinhando o método e a atuação profissional. Em sua carreira como foi o encontro com a área ambiental? Quais os principais desafios de representar uma linha de pesquisa tão pouco explorada pela psicologia nos cursos de graduação?

Meu encontro com a psicologia ambiental ocorreu quando fui convidada a fazer parte de uma equipe de professores reunidos com a tarefa de criar um novo mestrado na Unicesumar. Com enfoque interdisciplinar, essa equipe era composta por engenheiros, biólogos, uma arquiteta, uma psicóloga e uma jornalista. Quando iniciamos nossas reuniões a fim de identificar problemas em comum que afetam a nossa região, surgiu a preocupação com a destinação dos resíduos, consumo excessivos de recursos naturais, e uso da água. Nesse momento, pensei na psicologia ambiental com a qual tive contato no doutorado. Foi muito difícil no começo, tive que pesquisar e ler muito, e era um assunto totalmente novo para mim. Ainda hoje temos pouco material disponível na literatura nacional, e os principais livros da área não estão traduzidos para o português. Portanto, foi assim: buscando como a psicologia poderia contribuir para a análise e compreensão das problemáticas ambientais vivenciadas em nossa região, e unindo esforços para discutirmos a degradação à natureza provocada pelas ações humanas. Por outro lado, o que facilitou é que desde o início da profissão, sempre tive grande abertura para a interdisciplinaridade. Atuei em unidades básicas de saúde, regional de saúde e conselho tutelar, o que me ajudou a dialogar com profissionais de outras áreas do conhecimento. Tudo isso me permitiu entender a importância de compreendermos o problema em sua totalidade.

Quanto aos desafios, temos uma grande re-

sistência por parte dos acadêmicos, que preferem estudar temáticas tradicionais na psicologia, especialmente, na área clínica e da saúde. Não conseguem, ainda, visualizar a aplicabilidade desse conhecimento na vida profissional. No entanto, esta é uma área nova de atuação que exigirá profissionais habilitados em curto espaço de tempo. O psicólogo ambiental pode atuar em programas de educação ambiental, gestão e consultorias junto ao setor público e privado.

Também no meio científico existem desafios, pois muitas revistas ainda não contemplam essa temática em seu escopo. Mas é animadora a troca com pesquisadores nacionais e internacionais, que constituem um grupo motivado ao fortalecimento da área, e disponíveis a ajudar. Em 2014 eu trouxe a pesquisadora Claudia Pato, da UNB, e, em abril deste ano, a Camila Bolzan de Campos, da UFRGS, que proferiram palestras na Unicesumar.

Vivenciamos uma crise ambiental eminente. A divisão entre homem e ambiente representa uma perspectiva antropológica, consumista e hedonista. Qual o olhar da psicologia ambiental sobre essa relação?

A psicologia ambiental entende que diferentes culturas induzem as pessoas a sustentar diferentes visões de mundo que irão afetar a forma de pensar as relações pessoas-ambiente. As sociedades ocidentais são mais dualistas em seu pensamento sobre o papel dos seres humanos na natureza, enquanto as culturas tradicionais, não ocidentais, são mais holísticas – a harmonia é o valor mais importante, pois ela integra os seres humanos à natureza. A psicologia ambiental faz uma crítica à visão antropocêntrica – em que os seres humanos estão acima da natureza e não têm de levá-la em consideração na medida em que consomem os seus recursos – e propõe a necessidade de desenvolvermos crenças mais ecocêntricas, em que as pessoas são uma parte da natureza e devem considerá-la no uso dos recursos.

Esse ano o IPF está contemplando e debatendo o tema das emoções. Existe alguma correlação entre os afetos e o comportamento ecológico?

Sim, com certeza. Vivemos um conflito entre o prazer imediato, o individualismo e as demandas

ambientais, que exigem o altruísmo. Nossas ações têm causado a destruição da natureza. Não valorizamos os recursos naturais e os desperdiçamos, como a água que se torna poluída e escassa. Precisamos desenvolver a afetividade pela “mãe natureza”. Há uma crise da subjetividade. O afastamento dos sentimentos pela racionalidade, o egoísmo, a inveja, a ambição, o narcisismo. Há falta de interioridade, de espaço psíquico para ter acesso em busca do autoconhecimento, da verdade interior, do encontro com o sofrimento. Consequentemente, busca-se alívio na indústria do lazer e do consumo, com pouca possibilidade de sentir e pensar, de refletir sobre as ações que conduzem à degradação ambiental. As sociedades primitivas são exemplos de solidariedade e de respeito à natureza. Freud ressaltou a importância do amor pelo outro como única barreira capaz de frear nosso narcisismo e atuar como civilizador. É preciso que haja transformação do egoísmo em altruísmo, isso dá esperança a respeito do mundo e uma confiança maior na capacidade humana de cuidado e de reparação dos danos causados ao ambiente.

“Nós não herdamos a terra de nossos antepassados, nós a pegamos emprestada de nossas crianças”. Atualmente existe uma crise de identidade e de presença das pessoas. O ritmo acelerado de nossa percepção sobre o tempo e a sociedade de consumo inferem na atemporalidade de nossas ações. A proposta de presentificação sugere ao homem moderno um ponto de reflexão sobre a temporalidade de nossas ações e importância do presente, como tempo potencial de ação. A conscientização ambiental já é racionalizada em nossos

pensamentos, conhecemos conceitos básicos e sabemos da importância da conduta, no entanto ainda agimos como quem herda a terra de antepassados.

Nós vivemos em um contexto onde somos incentivados a consumir o tempo todo. É o que observamos na mídia de massa, nas redes sociais. É um valor arraigado culturalmente, associado ao prazer e à valorização social. Também é política de governo incentivar o consumo, o que tem impacto positivo na indústria e na economia, porém negativo em relação ao ambiente. Só que todos nós consumimos! Estamos imersos nessa realidade, e é preciso nos conscientizarmos da necessidade de mudança, de obtermos conhecimento sobre o impacto das nossas ações sobre a natureza e de nos responsabilizarmos. Este deve ser um compromisso ético do psicólogo! É animador observar entre os jovens o entusiasmo em discutir este tema. Há um movimento de mudança em andamento, de busca por ações sustentáveis, como o uso da bicicleta. Os jovens possuem uma disposição para a mudança e já estão sentindo as consequências do modo de vida consumista. Tenho esperança que a capacidade criativa e a inquietação desses jovens possam trazer grandes transformações. Também são necessárias mudanças nas políticas públicas, além de incentivo à pesquisa científica para criação de alternativas sustentáveis e tecnologias mais limpas de desenvolvimento de produtos. A contribuição da psicologia sobre os aspectos subjetivos que influenciam o comportamento pró-ambiental deve ser considerada nas políticas públicas e também na educação ambiental, para a integração e conscientização da sociedade em sua responsabilidade sustentável com o meio ambiente. ■



Maria Cristina Recco
psicóloga junguiana

Rua Néo Alves Martins, 3176, sala 72
Centro - Maringá-PR
(44) 3028.4828 | ☎ (44) 8802.1360

Formação de novo Grupo de Estudos de Psicologia Analítica, dentro da obra de Carl Gustav Jung

Primeiro Círculo de Mulheres do Sagrado Feminino

Diversos mini cursos, sendo o primeiro do I Ching (teoria e prática)

Interessados entrar em contato por telefone, WhatsApp ou Facebook.

Vida em pedaços



**LÍVIA BATISTA PEREIRA
LARRANHAGA**

*Psicóloga Clínica [CRP 08/13426],
Especialista em Clínica Psicanalítica
pelo Núcleo de Educação Continuada
do Paraná e Mestranda em Psicologia
pela UEM.*

Uma das atividades escolares que eu mais gostava quando criança era “recortar e colar”. Garimpar as imagens e depois colá-las em uma folha de sulfite era prazeroso, mas nada comparado à sensação de descascar os resíduos de cola líquida que, propositalmente, grudavam nas minhas mãos. A película que se formava entre meus dedos simulava uma pele que era retirada com delicadeza e vagarosamente com o intuito de adiar ao máximo aquele momento tão sublime.

Os anos se passaram e essa atividade perdeu seu encanto. O que antes era prazeroso, havia se tornado uma tarefa, pois o prazer de descascar a cola das mãos não compensava mais o trabalho de selecionar as imagens e grudá-las em um papel. Mas será que, de fato, abandonamos essa atividade? Freud afirma que nós nunca renunciamos a um prazer que já tivemos, apenas o substituímos por outra coisa. A partir disso, refleti sobre um possível substituto para o que fazíamos na infância. Não sei se cheguei a uma resposta, mas a seguir, ensaiarei algumas divagações.

Depois que crescemos, continuamos recortando e colando a nossa vida, mas de uma forma diferente. No convívio em sociedade, é comum selecionarmos os melhores pedaços de nós mesmos para apresentá-los ao outro que é impelido a fazer o mesmo ao se deparar com os nossos recortes. De forma muito parecida ao que acontecia na infância, garimpamos o que existe de melhor nas revistas da nossa vida, colamos em uma folha sulfite e depois mostramos ao mundo. Até consigo imaginar a cena original: a criança termina sua tarefa, entrega sua folha à professora que exclama “Nossa! O seu trabalho ficou lindo!”

O nosso engano é acreditar que essa personagem do cotidiano escolar tenha ficado lá no jardim de infância.

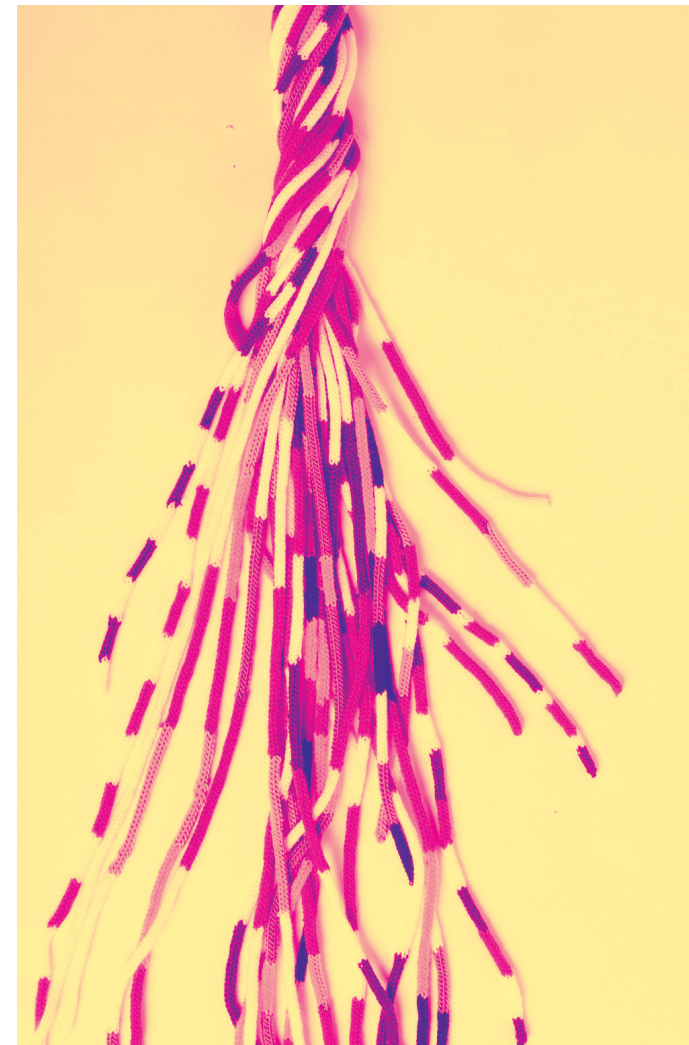
Ela continua presente na vida adulta, mas veste outras roupas. Às vezes, ela ganha a forma de um chefe de trabalho, um colega e até mesmo um amigo que podem ou não reconhecer a nossa grandeza. Se nos gratificam, ficamos felizes; caso contrário, sentimo-nos injustiçados “Como assim? Meu recorte ficou tão lindo!”

Eu não poderia deixar de mencionar uma comparação óbvia, porém pertinente. Hoje, podemos contar nossa história por meio de uma linha do tempo que, como aquele papel sulfite, convocamos a colarmos os nossos melhores recortes com o objetivo de colecionar curtidas. Diferentemente do que acontecia no passado, nossas colagens ganharam ares de sofisticação. Elas não são mais meras imagens que selecionamos e colamos. Podemos manipulá-las por meio de ferramentas de edição que alteram o brilho, o contraste e a cor da nossa vida.

A verdade por trás disso é que a nossa vida não é feita de recortes e edições, muito pelo contrário, nossa história é um emaranhado de fios que se confundem. Algumas vezes eles formam imagens acinzentadas, outras vezes constroem cenas opacas que não nos oferecem a possibilidade de alteração do brilho.

A vida contada por meio de fragmentos nunca representará a nossa história por completo. É ilusório acreditar e levar o outro a acreditar que os recortes de uma vida representam-na por inteiro. No entanto, as ilusões são necessárias para que suportemos o peso de viver e como crianças em um jardim de infância somos levados a dar continuidade àquela tarefa a qual éramos gratificados por meio do elogio da professora e da remoção dos resíduos de cola que sobravam em nossas mãos.

Não encontrei uma resposta para meu questionamento inicial sobre a substituição do prazer, mas cheguei a uma conclusão: ao crescer, perdemos a capacidade de nos alegrar com aquilo que sobra do trabalho que realizamos. Desaprendemos que a cola que sela nossas escolhas deixa resquícios por onde passa, e se ela deixa os vestígios em nossas mãos é para nos mostrar o envolvimento e o comprometimento que temos com o nosso trabalho e com a nossa dor.



Sendo assim, a película de cola nos lembra que aquilo que nos une aos objetos que estão ao nosso redor. Passa, não só pelo afeto das nossas mãos, mas como também pela alegria em remover, vez ou outra, aquilo que sobra do que investimos. Não por querermos nos livrar disso, mas porque precisamos dar lugar para um novo trabalho e, consequentemente, para uma nova dor. Ainda que nossa vida não seja uma tarefa de jardim de infância e os recortes não nos representem por completo, eles são parte do nosso emaranhado de fios, cabe a nós, desenrolá-los, mas nunca editá-los. Pois o brilho, o contraste e a cor da nossa história são formados pelos diferentes fios que as compõe e não determinados pelas ferramentas de edição que utilizamos. ■

Rolfing
Brasil
integração estrutural

Rolfing é um sistema de reestruturação corporal e educação do movimento no qual o profissional manipula o tecido conjuntivo que envolve e conecta nossos músculos e ossos (chamado fásia), liberando as tensões existentes em segmentos corporais como pés, pernas, quadris, tórax, pescoço e cabeça, realinhando-os à gravidade.

Com Rolfing o corpo ganha equilíbrio e não precisa gastar tanta energia para realizar movimentos básicos como manter-se em pé ou caminhar.

A sensação de totalidade adquirida com o Rolfing também contribui para a evolução pessoal, na medida em que estimula o autoconhecimento.

José Henrique Bronze Dias
Rolfista Estrutural e Movimento
rolfingmaringa@gmail.com
Maringá (44) 3031-2280 / 9973-3905
Londrina (43) 9617-6600



Globalização e Cultura Participativa

CÍCERO FELIX

Acadêmico do 5º ano de Psicologia na UniCesumar e membro do Instituto Psicologia em Foco.

A contemporaneidade é uma era permeada por possibilidades nunca antes imaginadas, viabilizadas principalmente pelo avanço tecnológico que resultou na comunicação em rede, especialmente pelo meio de maior representação efetiva dessa globalização: a internet. Nesse ensejo de possibilidades, caracteriza-se o que Shirky (2011) define como Cultura Participativa, que pode ser definida como a capacidade, possibilidade e até mesmo a necessidade de participar. Ou seja, de não apenas consumir, mas de promover – ao participar ativamente na produção de conhecimentos, informações e, até mesmo, história. Deixa-se, então, a posição de consumidor passivo de informação e conteúdos, como era nos tempos da televisão, rádio e jornal, e toma-se um posicionamento ativo, no sentido de participar da produção de conhecimento, por meio da rede.

Essa dita Cultura Participativa, como é proposta por Shirky (2011), poderia ser mencionada e percebida como a cultura da “necessidade de aparecer”, no sentido de exposição ou superexposição que pode ser presenciada aos montes e a todo o momento em quaisquer redes sociais que seja. Toda e qualquer pessoa pode se tornar agente produtor de conhecimento e informação, basta expor suas ideias, opiniões ou críticas a determinado assunto e, para confirmar o que digo, é só correr os olhos em timelines de conhecidos no facebook que as evidências estão lá. Por um lado, é bastante interessante, pois, como dito anteriormente, vive-se um momento inédito na história da humanidade: a realidade da comunicação em redes. Porém, até que ponto essa produção exacerbada e desenfreada de conteúdo é realmente positiva? A capacidade de “digestão” desse conteúdo todo acompanha a velocidade e a intensidade com que se disseminam as informações?

Nesse ponto é que surgem algumas observações e reflexões necessárias, principalmente acerca dos novos modelos e formas de se comunicar, de produzir informação e conhecimento,

sobretudo no concernente ao conteúdo produzido, publicado e por vezes disseminado. Para isso, pensamento crítico é necessário, o que nem sempre é considerado nos meios sociais midiáticos e urge uma necessidade de busca por compreensão do impacto que essa nova configuração representa nas relações humanas.

Diariamente sentimo-nos inundados por informações, novidades, e pela sensação de que a solução de todos os problemas ou de que, pelo menos, o caminho para a solução deles, está ao alcance das mãos, no ínfimo esforço de alguns cliques e buscas rápidas no Google. Isso ilustra perfeitamente os dilemas atuais acerca dos modelos dessa nova forma de se viver: conectado. O impacto das reconfigurações resultantes desse novo modelo se apresenta já no impasse ocorrido ao nos depararmos com o turbilhão de fontes de informação que essa ferramenta nos fornece – em milésimos de segundos após “buscar”. Mas, e quanto à procedência desse conteúdo, será que nos importamos com a veracidade daquilo que encontramos na rede ou apenas nos apropriarmos daquelas informações que mais rapidamente forneçam um mínimo de correspondência com o que precisamos e buscamos? Em tempos de Cultura Participativa, talvez seja interessante um pouco mais de critério na apropriação de conteúdos disponíveis na rede.

Uma vez modificadas, estas formas de produção consequentemente irão ressonar nas mais diversas esferas da vivência em sociedade. E isso não se trata de buscar um retrocesso saudosista e moribundo. Trata-se de olhar com cautela, atenção e cuidado para o momento de transição que toda essa hipermodernidade, (Lipovetsky, 2009) permeada por aparatos tecnológico-digitais e comunicação em rede, proporciona. Dessa forma, pode ser possível alcançar um saldo positivo e avançar algumas casas na história evolutiva da humanidade. ■



Quando falo do outro, o que digo de mim?

CAYLA SOUSA

Acadêmica do 5º ano de Psicologia na UniCesumar e membro do Instituto Psicologia em Foco.

Há um bom tempo tenho me feito essa pergunta: será que todos os preconceitos, comentários, adjetivos e atributos que eu me dou o direito de apenas ver no outro, não dizem nada sobre mim? Ou será que dizem tanto que me são insuportáveis aos olhos?

Atualmente, vejo grandes movimentos acontecerem, muitas lutas e grandes defesas. No entanto, por que ainda há tantas pessoas que preferem olhar para o outro como se pudessem lhe tirar a humanidade? Como se não lhes fosse permitido ser o que naturalmente são? – humanos! Se uma pessoa cometeu um crime, ela deve morrer, visto que não é mais humana, não é? Se ela não se encaixa nos padrões ditados pela mídia e pela sociedade, não merece estar no círculo de “amigos”, porque é muito “diferente”. Nem vou comentar sobre os preconceitos mais escancarados, tema, esse, que levaria horas de discussão, pois são incontáveis situações que perpassam nosso cotidiano...

Glaucia Souza, em seu texto “O que se vê e o que se dá a ver” discute sobre este olhar do Outro, o grande outro, como Lacan nomeia. Diz que: um bebê quando nasce, apesar de ter o aparato biológico necessário para se desenvolver, ainda não é um sujeito, e apenas será através da sua relação com o Outro, representado neste momento, pela mãe. É por meio do olhar da mãe, que ao mesmo tempo reflete a imagem que seus olhos captam acerca da criança, e investe nela, que é possível tornar-se sujeito. Este

olhar da mãe dirigido à criança é permeado das suas próprias demandas e desejos, e a criança então, quando se identifica com esse olhar, apreende essa gama de desejos e demandas da mãe, tanto no sentido de ser o objeto de desejo e de demanda materno, quanto tornando essas demandas e desejos as suas demandas e desejos próprios. De acordo com este trecho, somos constituídos pelo olhar deste Outro investido em nós na relação dual. Sendo assim, teríamos muito mais do Outro em nós do que imaginamos.

Neste casulo pessoal, vejo que ainda é um tanto difícil nos enxergarmos no olhar do outro; a empatia é um tanto utópica (às vezes) e tudo que foge às “regras”, torna-se, naturalmente, inadmissível. Novo e diferente são assustadores. Há esperanças de que os anos passem, os novos séculos cheguem e as coisas possam ser menos impostas. Menos “dedo na cara do outro”, menos “você é” e mais: “EU SOU”! ■



Casa e Escritório

Móveis e Acessórios

contato@casaeescritorio.com

www.casaeescritorio.com.br

Av. XV de Novembro, 1046
Maringá - Paraná - 87013-230
Fone (44) 3305-1800

COTIDIANO



De amor e ódio: o ciúme

RODRIGO GONÇALVES CORRÊA

Psicólogo Clínico [CRP 08/21130] e Mestre em Psicologia pela UEM

Spinoza, em sua *Ética*, definiu o amor como sendo uma alegria acompanhada da ideia de sua causa. Ou seja, quem ama reconhece em seu objeto de amor a causa de sua alegria. É uma definição simples porque oferece, sem maiores aprofundamentos, uma compreensão satisfatória do amor: amamos quem nos alegra. Não é uma definição simplista, por outro lado, porque ela mesma deriva de um complexo teórico que se propõe a explicar desde a onipotência de Deus até a essência do homem. Essa é a dimensão do empreendimento de Spinoza em sua *Ética*. Nosso assunto, no entanto, é o amor. Voltemos a ele.

Amamos quem nos alegra, essa premissa, de tão singela, parece capaz de oferecer um caminho simples e seguro para que nossas ideias caminhem rumo ao entendimento do amor. Mas é um caminho breve. As bifurcações chegam logo e em grande número. A alegria não é constante, aquele que nos alegra não nos alegra o tempo todo, integralmente. O amor, então, não é constante. Amamos segundo as flutuações de nossas alegrias. Há, ainda, as tristezas. Se reconhecermos naquele que amamos a responsabilidade por uma tristeza, teremos por ele, tão intenso quanto essa tristeza mesma, uma dose de ódio. Odiaremos a pessoa amada. Parece um paradoxo, mas só se considerarmos que amor e ódio são afetos excludentes um do outro. Se tomarmos como exemplo um caso de ciúme excessivo, veremos amor e ódio intimamente amalgamados. O enciumado cultiva por seu ob-

jeto de amor uma ideia de posse e sente-se ofendido quando vê violado seu direito à propriedade. Essa ofensa o fere e essa ferida é o terreno onde se cultiva o ciúme, que podemos compreender como um ódio muito específico, destinado àquela propriedade acusada de e insinuar para outros donos.

Pois bem, atentemos ao ciúme: sem amor não há. Sem ódio, lhe falta matéria para existir.

Que o ciúme não exista sem amor é altamente aceitável. O ciúme, inclusive, é comumente entendido como uma prova de amor. Que o ciúme seja também uma forma de ódio, por outro lado, é uma concepção mais trabalhosa, principalmente para aquele que se compreende como ciumento. Aceitar que, em alguma medida, se tem ódio por quem se ama pode produzir uma sensação indesejada de culpa. Mas, produzir culpa não é nosso objetivo aqui. Pretendemos apenas facilitar um certo entendimento do amor por meio de algumas sistematizações.

O ciúme é sofrido pelo enciumando e disso não há dúvida, mas, por não ter escolhido deliberadamente enciumar-se, ele supõe que haja para o seu sofrer uma causa fora de si. Elege, geralmente, as condutas do amado como essas causas e nesse ponto, o ciúme se transforma numa contradição viva. Se determinadas ações de meu amado são as causas de meu ciúme e se o ciúme é uma forma de

sofrer, sou impelido a lutar contra esse sofrimento destruindo aquilo que reconheço como sua causa. Só o confronto pode resultar dessa equação. Geralmente, um confronto justificado pelo amor. Justificativa enganosa. Nessas brigas, o que se chama de amor é apenas uma ideia confusa. O amor se faz presente no valor que confere importância ao amado e sem esse valor não haveria sentido em brigar. Isso não significa, no entanto, que as brigas sejam motivadas por amor, pois o amor é uma tendência a agregar, acolher, desejar, aceitar, enquanto as brigas têm sempre em vista algo a se destruir, e esse é o ponto de confusão: é o próprio amor do qual se supõe estar em defesa a vítima dessas agressões, pois sempre que se decide brigar, o amor é preterido e convidado a se ausentar.

O ciúme é um afeto que nos dispõe ao conflito, tal como o ódio. No entanto, não é um afeto absurdo, como pode ter-se dado a entender, o ciúme tem um sentido, que podemos especular por alto. Se nos dispõe ao conflito é porque visa nos defender de alguma ameaça. Um recurso de defesa, então, que ataca a liberdade do amado. Eis o engano! A conduta enciumada parece engajar-se na velha máxima de que “a melhor defesa é um bom ataque” e, nisso, negligencia algo de suma importância: nenhuma defesa é ne-

cessária se não há fragilidades a se defender. Veja, o ciúme é incômodo, por isso tendemos a evita-lo e quanto a isso não há problemas. O que tentamos apontar aqui é que os meios pelos quais o ciúme geralmente se expressa são ineficientes porque atacam o amado no lugar de cuidar das fragilidades do amante. O enciumado só pode encontrar conforto para aliviar seu incômodo fortalecendo em si aquilo que, por estar fragilizado, exige ser defendido, o que geralmente ocorre pelo ataque. Mas, atacar o amado não fortalece aquela região do ser que exige proteção. Se bem sucedido, esse ataque pode diminuir a frequência em que ocorrem as condutas do amado que produzem no amante o mal estar do ciúme e, nesse caso, ainda assim, considerando esse relativo sucesso, o ciúme dificilmente será superado, pois, a fragilidade que deveria ter sido estimulada a se fortalecer foi superprotegida e, nessa armadura, viverá sob o constante medo de que essa proteção venha a ser insuficiente.

O ciúme é um afeto agressivo experienciado como uma ideia confusa. Agride quando deveria cuidar-se. Nisso consiste sua falha: o enciumado pretende controlar o outro para não precisar controlar a si mesmo. Seca incansavelmente o chão debaixo de uma goteira sem nunca se preocupar em consertar o telhado. ■





Amy: o amor em estado bruto

LETÍCIA PAVANI

Acadêmica do 2º ano de Psicologia na UniCesumar.

Em setembro de 2015, o documentário de longa-metragem que venceu o prêmio Oscar neste ano, “Amy”, dirigido por Asif Kapadia, estreou no país rodeado por polêmicas, assim como a vida caótica vivida por Amy Winehouse. Apesar de seu talento incontestável, visível nas interpretações de suas músicas, a cantora é lembrada mais por conta de seu vício em heroína e em álcool.

Em 2011, a Diva do Soul, como era conhecida, foi encontrada morta em sua casa em Londres após uma intoxicação por álcool. Ao analisarmos a vida de Amy, vemos que seu comportamento destoava dos padrões, comprometendo sua vida privada e profissional, característica de um Transtorno de Personalidade.

O Transtorno de Personalidade Borderline é associado ao amor patológico, uma vez que, geralmente, os sintomas aparecem depois da primeira desilusão amorosa. São pessoas com dificuldades em suas relações interpessoais de qualquer tipo, extremamente insatisfeitas, imprevisíveis e intolerantes às decepções e frustrações. Quando envolvidas em uma relação amorosa, idealizam seu parceiro, tratando-o como um Deus, mas quando se deparam com uma situação de possível abandono, real ou imaginária, inferiorizam o parceiro e muitas vezes a relação acaba de forma nada amistosa. Os relacionamentos de um indivíduo com este transtorno são marcados por possessividade, manipulações, ameaças suicidas, ações autodestrutivas, com o intuito de se esquivar do abandono.

Blake Fielder-Civil foi o grande amor da vida de Amy e foi também quem lhe apresentou à heroína. O relacionamento era caracterizado por inúmeros termos e abuso de álcool e drogas. Mesmo após a separação com o ex-marido, Amy manteve contato com Blake até o fim de sua vida. O casal não conseguia ficar separado, tampouco junto. Em algumas entrevistas, Amy admitiu ter problemas com automutilação, bipolaridade e

distúrbios alimentares. O documentário de Kapadia também apresenta uma menina extremamente insegura, e com pais ausentes. Além disso, algumas pessoas próximas não descartam a possibilidade de que a cantora tenha se suicidado.

Não há evidências suficientes para classificar Amy como borderline segundo os critérios de diagnóstico do DSM (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais), mas as características apresentadas pelo documentário, como dependência emocional, abuso de substâncias, impulsividade, automutilação e problemas em relacionamentos interpessoais, ilustram a patologia. Seu relacionamento com um dependente químico tornava praticamente impossível alguma estabilidade e melhoria da qualidade de vida e a artista se juntou ao grupo de tantos outros artistas que morreram precocemente aos 27 anos.

Além do sofrimento psíquico individual dos portadores de Transtornos de Personalidade, assim como o sofrimento de pessoas próximas a eles, há o problema social relacionado à patologia. São inúmeros os problemas sociais causados, inconscientemente, por portadores de Transtornos de Personalidade, tais como acidentes, desemprego, afastamentos pelo INSS, divórcios, entre outros. Assim, por conta da instabilidade emocional e do comportamento impulsivo e autodestrutivo, é evidente que estes indivíduos causarão problemas a si mesmos e à sociedade em algum momento de sua vida. Sendo a personalidade algo mutável, é importante que estas pessoas que apresentam comportamentos disfuncionais sejam auxiliadas por médicos, enfermeiros, psicólogos, terapeutas ocupacionais, assistentes sociais, entre outros. Com a devida informação, que também impede que os portadores de Transtornos de Personalidade sejam estigmatizados como desajustados, e tratamento adequado, os portadores da patologia poderão ter uma vida semelhante aos demais integrantes da sociedade. ■

GESTALT



A idiossincrasia do amor

LAURA CHRISTOFOLETTI GABRIEL

Acadêmica do 4º ano de Psicologia na UniCesumar e membro do Instituto Psicologia em Foco.

Amor e amar, palavras que se misturam e se fundem na imensidão do infinito e que, se vividas intensamente, tornam azul o cinza do ódio.

Caro leitor, esclareço de antemão que este texto não fará nenhuma definição concreta do amor, tampouco escreverá uma receita de como saber quando o amor bate à porta. Faremos então, breves apontamentos sobre o amor, e começo lhes dizendo que esse é um sentimento completamente íntimo e subjetivo, ou seja, a forma de amar e a forma de demonstrar este amor é diferente para cada um de nós. É importante destacar que para existir amor é preciso que haja uma relação pessoal entre dois seres concretos (Camon 2007, p.47), ou seja, por mais que digamos que amamos uma lasanha, por conta de todas sensações agradáveis que ela proporciona ao paladar, a lasanha não terá a mesma capacidade de nos amar e, se não existe reciprocidade, não existe amor.

É muito dito em nossa cultura que amar o próximo é um ato humano, eu diria, no entanto, que se permitir ser amado é parte deste processo, contudo, pouco se pratica. Estamos sempre à procura de amar e querer ser amado, mas nem sempre estamos verdadeiramente entregues a deixar que o amor seja vivido intensamente a ponto de deixar marcas eternas. Acredito que o medo, a insegurança e a racionalidade tenham tomado, de tal forma, o homem da pós-modernidade, que isso vem impedindo que os laços afetivos se fortaleçam, modificando como o homem vive essa intensa emoção. Tal como afirma Bauman (2007),

a magia romântica do amor dissolveu-se na velocidade da vida dinâmica em que vivemos a vertiginosa era da alta tecnologia.

A única afirmação que ousou deixar neste texto é que o amor tem um poder transformador. Pois quando nos tornamos capazes não apenas de amar, mas também de sermos amados e nos amar, existe uma mudança, mudança esta que nos faz perceber a insignificância das vicissitudes frente ao amor e nos auxilia até mesmo a compreender o sentido da nossa existência. O amor tudo supera. E como completa Camon (2007, p. 52), o amor é o sentimento que torna dócil e meigo o próprio ódio, nada nem ser existente, resiste ao encanto de sua fragrância e magia.

Concluo, portanto, que o amor é necessário à sobrevivência humana, que apesar das possíveis dores que estamos expostos a sentir, ainda é melhor que a solidão e finalizo com **Vinicius de Moraes**, um dos mais românticos poetas brasileiros que diz: “A maior solidão é a do ser que não ama. A maior solidão é a dor do ser que se ausenta, que se defende, que se fecha, que se recusa a participar da vida humana. O maior solitário é o que tem medo de amar.” ■

Dr. Cleto Rocha Pombo Fº
médico-psiquiatra-psicoterapeuta
CRM 19276

Av. Tiradentes, 1081
Centro Vascular João Belczak
44 3225-4965
Maringá – PR

Especialista em Psicoterapia USP-SP

Chierrito Feltros
ARTIGOS ARTESANAIS
(44)9889 6353

sentimentos nossos de cada dia...



MARTA DALLA TORRE

Psicanalista (CRP 08/0404), membro fundador do Ato Analítico - Clínica e Transmissão em Psicanálise e da Letra - Associação de Psicanálise, exerce a Clínica Psicanalítica no atendimento a crianças, adolescentes e adultos em consultório e no Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil do Município de Maringá.



VALÉRIA CODATO ANTONIO SILVA

Psicanalista (CRP 08/02463), membro fundador do Ato Analítico - Clínica e Transmissão em Psicanálise e da Letra - Associação de Psicanálise, Mestre em Psicologia, Docente de cursos de pós-graduação e Coordenadora Regional de Saúde Mental da 15ª Regional de Saúde de Maringá.

Em suas pesquisas sobre a mente humana, Freud se serviu de inúmeros mitos e obras literárias, sustentando suas idéias e teorias nestas produções. Em “Escritos criativos e devaneios” (1907), nos esclarece que as produções literárias descrevem em seu enredo o que são as derivações e continuidade das primeiras experiências vividas na infância. Daí vem o caráter universal da obra literária da qual todo leitor usufrui, pois, neste processo de identificação com a obra, libera as tensões da mente, promovendo um deleite com seus próprios devaneios, sem auto-acusações ou vergonha. Desse modo, o leitor pode vivenciar, sem qualquer censura, os sentimentos de amor, ódio, culpa, ciúmes, inveja, tristeza e alegria, despertados como emoções sublimadas pela experiência identificatória com as estórias e histórias contadas.

Para a psicanálise, emoções são os efeitos dos afetos vivenciados nas relações primordiais com o Outro/Mãe, que se encarrega de nomeá-los e dar-lhes sentido, nos humanizando e nos alinhando na ordem do laço social e assim nos possibilitando viver em sociedade.

Na condição inicial de desamparo, do nada ser, o “enfant”

– aquele que ainda não fala, mas é falado – constitui-se na ficção do que supõe ser o que falta ao Outro/Mãe. Ficção fundada no instante mítico, ilusório da experiência originária de completude e que possibilita a instauração do campo do narcisismo e a superação do auto-erotismo. Tempo da constituição do sujeito marcado pela descoberta de que o Outro é outro, alteridade necessária para que ao pagar o preço da não colagem em tudo ser para o Outro/Mãe, já que seu desejo está alhures, o sujeito possa sair de um estado narcísico e ingressar no mundo social.

Contudo, a vivência dessa perda originária do lugar de “tudo-ser-para-o-outro” abre uma ferida narcísica irreversível, funda a raiva do intruso, causador cruel do fracasso da posse totalizante do primeiro objeto de amor (A mãe). Aqui nasce o ciúme, não só como rivalidade sustentada na crença de que o Outro /Mãe tem para o intruso/rival seu desejo, mas desperta também o desejo de que ele, o intruso, desapareça, voto de morte despertado pela agressividade.

Encontramos em Freud duas origens para o ciúme: nos efeitos perturbadores com o nascimento de um irmão e os originados na rivalidade instalada no Complexo de Édipo.

Para Lacan, a origem do ciúme está no momento traumático em que a criança teme perder seu objeto de amor - Outro/Mãe. Momento do desmame e do aparecimento do intruso, que causa a dor da primeira perda/falta, que faz marca, inscreve-se e constitui o psiquismo da criança. Assim, a falta-em-ser se apresenta, libertando-o da relação dual imaginária com o Outro primordial e da posição de pura alienação objetualizante, numa operação estruturante particular e decisiva para o advento do sujeito desejante.

A ilusão de tudo-ser-para-o-outro, no entanto, é recuperada em cada investimento narcísico que fazemos em novos objetos, pois esta receita básica se repete no nosso cotidiano, na medida em que este fantasma se encarna no outro semelhante com quem repetimos nossa história originária. Puro engano que sustenta nossos desafetos de cada dia, cujos efeitos aparecem muitas vezes inomináveis e censurados em sua expressão.

O “monstro dos olhos verdes”, como o denomina Shakespeare, origem das paixões, que em sua lógica participa do inconsciente constitui-se, portanto, ingrediente carimbado e indispensável na constituição do sujeito. O ciúme, como aponta Freud, participa da vida normal do sujeito, pois, para não se admitir faltante, no lugar de reconhecer o limite da castração

totêmica, que se resume na ideia de um pai poderoso que detinha a posse de todas as mulheres do clã e punia os próprios filhos, que um dia, rebeldes contra a tirania do pai, teriam se associado para matá-lo e depois comê-lo, realizando com o segundo ato uma identificação, incorporando a força paterna. Assim, o poder absoluto do pai cedeu lugar a uma nova organização, cujo modelo totêmico passou a estabelecer a fraternidade entre os membros do grupo, e o arrependimento levou-os às duas proibições que fundamentam todas as sociedades humanas – contra o incesto e contra o assassinato – e que estabeleceram o que seria a certidão de nascimento de nossa civilização: a Lei de renúncia ao gozo.

Podemos encontrar nesse mito, a dupla face da Lei: de um lado, a culpa coletiva se estabelece como princípio de organização social através da internalização dos

impulsos agressivos – denominada posteriormente de supereu – e, por outro lado, institui-se a figura do ideal do eu, que mantém os membros do grupo ligados libidinalmente entre si, por meio de uma identificação coletiva em torno de um líder (Pai).

Com a formulação do complexo de Édipo, o sentimento (universal) da culpa é presentificado e revivido individualmente, no que Freud

identifica como intensos desejos de morte (desejo de matar o pai), e que podem se transformar no medo consciente da própria morte, graças à ação da instância interna opressora que se origina com a resolução do Édipo – o supereu.

Desse modo, a civilização consegue dominar o perigoso desejo de agressão, enfraquecê-lo, desarmá-lo e estabelecer no interior do sujeito um agente para conter o desejo. Isso porque esse agente – o supereu – vigia o eu e está pronto a condená-lo, intensificando o sentimento de culpa que sustenta a civilização. A agressividade, antes dirigida ao outro é internalizada, volta-se ao próprio Eu sob a forma de sentimento de culpa.

Freud retoma a infância para elaborar a hipótese da culpa não consciente e cita um exemplo facilmente verificável: quando uma criança, acusada de uma transgressão qualquer, nega sua culpa, mas chora como um condenado. Afirma que mesmo parecendo que a criança mentiu ao alegar inocência, muitas vezes ela de fato não cometeu a transgressão da qual é acusada, mas o seu choro pode denunciar uma outra falta qualquer que tenha cometido.

Estamos condenados, portanto, a sentir culpa, pois vivemos na “falta-em-ser”! Ferida narcísica que nos acompanha e nos impele à repetição, à formação dos sintomas, à inibição e aos acting-outs próprios da angústia.

Podemos concluir com a frase do poeta **Caetano Veloso**: “Não me olhe como se a polícia andasse atrás de mim ...cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é...”. ■

Mas os poetas e os romancistas são preciosos aliados e seu testemunho deve ser estimado muito alto, pois conhecem entre céu e terra muitas coisas que nossa sabedoria escolar ainda não pode sonhar.

Freud, 1907, Delírios e sonhos na Gradiva de Jansen

(falta estruturante), o imaginário tece incessantemente sua rede num movimento identificatório e, ao mesmo tempo, clama pela exclusividade e encontra alguém que deva arcar com essa conta.

Muitas vezes calado pelo recalque, noutras tomado pela produção delirante, o ciúme fomenta o desenvolvimento do ódio e da violência, da raiva e da indiferença, ali onde se esperava o amor...

Somente na advertência de que o outro é radicalmente outro, e que desejo é desejo de desejo, portanto as satisfações são possíveis apenas parcialmente, é que estaremos prevenidos de cair no engodo das paixões aniquiladoras.

Para Freud, há um antagonismo irremediável entre as forças pulsionais que buscam satisfação e as exigências sociais, o que se traduz numa ameaça constante à civilização, uma vez que os impulsos hostis e agressivos sempre procuram um meio de se expressar. Em “O Mal-Estar na Cultura” (1930), conclui que o preço que pagamos para viver em sociedade é o sentimento de culpa gerado por um agente interno que nos vigia e nos condena, ao censurar certos desejos, pensamentos e sentimentos.

Cada um pode reconhecer em si a potência desse sentimento quando realiza uma ação entendida como reprovável socialmente, e que pode vir (ou não), acompanhado por ideias auto- recriminatórias.

O estudo da culpa, embora diluído na obra freudiana, aponta para a existência de um sentimento universal que sustenta a vida gregária, a civilização e a cultura, como também de um sentimento individual que atormenta o sujeito neurótico, em busca, muitas vezes, de punição.

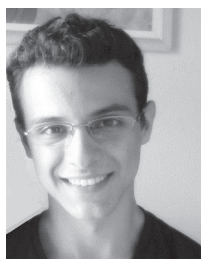
Em “Totem e Tabu”, Freud (1913) busca explicar a culpa coletiva por meio do mito da horda primitiva e da refeição

As tecnologias digitais, a juventude e a infância: apropriação da cultura tecnologia além do bem e do mal



ANA LUISA MARTINS ROSA

Psicóloga clínica (CRP 08/22619), Pós-Graduada em Saúde Mental, Psicopatologias e Atenção psicossocial.



EDUARDO CHIERRITO DE ARRUDA

Psicólogo clínico de Orientação Analítica (CRP 08/22624). Mestrando em Tecnologias Limpas na UniCesumar e membro do Instituto Psicologia em Foco.



DRA. RUTE GROSSI MILANI

Graduada (CRP 08/05806) em Psicologia pela UEM, Mestre e Doutora em Saúde Mental pela USP (2006). Atua como Psicóloga Clínica e Docente do curso de Psicologia e dos Programas de Mestrado em Promoção da Saúde e Tecnologias Limpas na Unicesumar.

O uso das tecnologias digitais por crianças e jovens tornou-se cada vez mais frequente, tendo seu início cada vez mais cedo. Em nosso cotidiano, os dispositivos celulares são encontrados o tempo todo nas mãos ou próximos ao corpo, expressando a necessidade de permanecer conectados a tudo que ocorre nas redes sociais. Esse fenômeno tem despertado o interesse de pesquisadores na busca dos efeitos e consequências que essa relação apresenta no comportamento de quem os utiliza (ARRUDA; ROSA; MILANI, 2014). A partir desse cenário é de praxe evocar perguntas relacionadas a esse uso: seria adequado? Teria potencial de interferir no desenvolvimento deles?

A iniciação digital tem por característica a sociabilidade virtual. Vivenciada de forma intensa, e mantida pela curiosidade por novas atualizações – implicando na ansiedade como fenômeno experimentado, ao se observar como é difícil ficar muito tempo desconectado – acaba-se perdendo concentração no mundo real, e se adentrando cada vez mais no mundo virtual. Claro que as tecnologias trouxeram infinitas vantagens, aproximaram as longas distâncias, permitiram o acesso à informação em tempo real, facilitaram compras, entretenimento, vídeos e músicas etc. Em outras palavras, promoveram a vida do ser humano moderno. Mas é exatamente aí que vêm os questionamentos sobre o bom ou mal no uso de tecnologias.

Em salas de aula, seja da educação infantil ou do ensino fundamental e médio, os alunos já chegam com seus aparelhos e, muitas vezes, a escola não sabe como agir, já que é inevitável que no meio da

aula eles desejarem dar uma olhadinha rápida nesses dispositivos – que pode se tornar longa, atrapalhando o rendimento pessoal. Por outro lado, precisa-se refletir sobre a iniciativa da utilização tablets na educação de alguns colégios, incentivando uma metodologia de ensino ativa, intercalando a pesquisa prática e a aula expositiva. Na educação infantil, outras questões são levantadas: será que esses aparelhos irão substituir o antigo caderno? E o que causa ainda mais preocupação, de que forma as crianças desenvolverão sua coordenação motora fina em um aparelho que faz, pensa e age por elas?

De fato, as tecnologias digitais mudaram nossa forma de lidar com o mundo, permeada pelos sintomas pós-modernos como a ansiedade, o individualismo, a dependência tecnológica e a distraibilidade. Por outra via, elas facilitam as relações, promovem a ampliação de conhecimentos e novos paradigmas são entrelaçados. O ponto de partida em que dispõem ser humano e instrumentalização requer um novo olhar sobre o impacto das tecnologias digitais, que considere os aspectos comportamentais e as inter-relações simbólicas, para além de bem e mal, e que preserve o bem-estar emocional e o processo de aprendizagem, visando viabilizar novas políticas públicas voltadas à promoção da saúde da juventude. O uso das tecnologias não deve ser catalogado simplesmente como negativo ou positivo, são possibilidades diante de um universo que se abre. Assim, a reflexão e a pesquisa são atributos de uma relação saudável dessas viabilidades. ■





Borderline: como o ciúme pode influenciar suas relações

ALINE DAL SANTO BEREZA

Acadêmica do 3º ano de Psicologia na UniCesumar.

Como definir o ciúme? E como saber se ele pode ser saudável? Cada indivíduo pensa diferente, tal qual sente. O ciúme tem uma classificação diferente para cada ser humano e a forma de como expressar esse sentimento é o que o torna complexo, tanto quanto as habituais oscilações de humor em pacientes Borderlines.

Transtorno de Personalidade Borderline (TPB), é um transtorno que classifica pacientes posicionados sob a linha de divisão entre personalidades psicóticas e neuróticas. Um paciente Borderline pode apresentar várias características. Dentre elas, está o ciúme excessivo sobre seu parceiro afetivo e uma forma única e intensa de “sentir”, “amar” e “sofrer”. Em pesquisa feita no ano de 2015 sobre as características presentes em um paciente Borderline, notou-se que o maior índice era em relação ao ciúme (16%). Essa pesquisa mostrou a dificuldade que um Borderline tem em criar vínculos, principalmente com o terapeuta, levando a sua desistência prematura da terapia. Dessa forma, torna-se difícil um diagnóstico preciso, bem como ajudar esse paciente em suas angústias. Em 700 prontuários estudados na pesquisa, apenas 2 haviam sido classificados como Borderline.

O Borderline vive intensamente suas emoções, ultrapassando os limites emocionais e afetivos, geralmente possuindo relacionamentos muito intensos e conflituosos. O sentimento de ciúme, é um sentimento que leva ao sofrimento de quem o sente, e como o Borderline vive suas emoções mais intensamente, esse sentimento acaba por aparecer numa escala muito maior. Dessa forma, causando danos psicológicos que podem agravar ainda mais o quadro nesses pacientes.

O ciúme, geralmente aparece em diferentes relações sociais, mas a grande maioria dos casos Borderline acabam por ser constituídos em relações afetivas. O ciúme desmedido acaba por levar a rupturas desses relacionamentos e a depressão profunda do paciente, já que este, por sua vez,

não consegue lidar com o abandono. O Borderline, mesmo sem uma razão existente, acaba por se frustrar, uma vez que cria em sua própria mente um motivo para o ciúme que sente.

Se para uma pessoa que não é acometida pelo transtorno sentir ciúmes e sair de uma relação é arrasador e pode se tornar doentio, para o Borderline é extremamente frustrante e inaceitável. Não conseguem lidar com a perda, e ao mesmo tempo, não conseguem estar em uma relação saudável, sem ficar o tempo todo “testando” seu parceiro, com seus episódios paranoides de ciúmes.

E como ter uma relação saudável com um parceiro Borderline? A resposta é realmente complicada, já que leva anos para definir se a pessoa apresenta ou não características suficientes para consolidar essa classificação.

O indivíduo com o TPB geralmente tem uma relação com o parceiro autodestrutiva, já que estes por sua vez, estão sempre buscando controlar e exigir a atenção por medo desse abandono. Dessa forma, o ciúme passa a ser descontrolado, mesmo que nem exista um motivo para que se justifique, a não ser, o que o próprio indivíduo criou em suas ruminatórias.

A melhor forma do Borderline conseguir controlar seus sentimentos é por meio da psicoterapia. Ela pode levar anos, devido à resistência do paciente, contudo ela é muito eficaz. O Borderline tem consciência dos seus atos e, por meio da psicoterapia, ele vai conseguir entender seus próprios sentimentos e se reorganizar. Muitos medicamentos são utilizados no procedimento, já que estes por sua vez, podem sofrer de ansiedade ou depressão. ■



PUCPR
Câmpus Maringá

GRUPO MARISTA

Sobre emoções, saudades e ausências



JOSÉ VALDECÍ GRIGOLETO NETTO

Acadêmico do 5º ano de Psicologia na UNINGÁ e membro do Instituto Psicologia em Foco.



GIOVANA KREUZ

Psicóloga (CRP 08/07196), graduada em Direito pela FCSAC, Especialista em Psicanálise com crianças pela UTP, Mestre em Saúde Coletiva pela UERJ e Doutoranda em Psicologia Clínica pela PUC-SP.

Existem várias definições acerca das emoções e dos sentimentos, e muitas vezes ambas são usadas como sinônimos. No entanto, elas podem também ser definidas dentro da neurociência como um aglomerado de reações de ordem tanto química quanto neural. As reações psicofisiológicas representam modos de adaptação diante de mudanças ambientais, contextuais ou situacionais; ou seja, diante de um acontecimento, as emoções organizam nossas respostas fisiológicas, estando ligadas à maneira como reagimos. Já o sentimento surge quando uma emoção torna-se reconhecida e o sujeito está consciente do estado que aquela emoção provoca, visto que a emoção já tenha sido processada em nosso intelecto. Os sentimentos são o resultado de um reconhecimento e conceitualização das emoções.

Assim, quando perdemos alguém, inevitavelmente sofremos. A ruptura, a quebra de um vínculo que trazia algum tipo de satisfação, desencadeará diversas emoções e repercutirá tanto dentro do âmbito psicológico quanto físico de nossa vida, gerando a saudade.

Saudade é um sentimento difícil de definir, visto que traz consigo componentes subjetivos, os quais cada pessoa define de maneira muito particular; é dor, é aperto, é falta, é vazio, é uma sensação an-

gustante que remete à extrema falta que algo ou alguém nos provoca; pode ser também a doce eterna memória que se nutre pela sensação boa que a situação, pessoa ou relação permitiu, deixando na palavra saudade outro significado.

A saudade, em algum momento de nossas vidas, nos marcou profundamente. Podemos sentir saudade por algo que era bom e se foi, bem como podemos sentir saudade de alguém que se foi. Quando vivenciamos uma perda, seja alguém querido que morre, por exemplo, uma gama de emoções e sentimentos são desencadeados: sentimos raiva, tristeza, desespero; também nos sentimos abandonados e injustiçados, e isso chamamos de período de luto.

Importante frisar que a palavra saudade não está enraizada no negativo, na dor e na melancolia. Podemos sentir saudade de momentos bons que foram vividos, fazendo um retrocesso e reflexão acerca de algo que nos transformou em quem hoje somos. Como disse o poeta Carlos Drummond de Andrade “Não há falta na ausência. A ausência é um estar em mim”, ou seja, algo ficou em nós, não tendo tudo partido sem deixar uma marca, um traço, – se houve presença, houve uma transformação. ■

www.essentia.med.br

PODE SER MAIS QUE “SÓ UMA FASE”

Agressividade, irritação, medos, xixi na cama, dificuldades em dormir ou comer, choro fácil, apatia, são muitas vezes a forma de manifestar que algo lhe está a causar sofrimento, **crianças e adolescentes** também sentem. **Consulte um profissional.**

Dr. Felipe Pinheiro de Figueiredo
CRM 31928 | RQE 17308/17215
Av. Tiradentes, 1.008 | Sl. 1604 | Maringá - PR
contato@essentia.med.br | 44 3346-9222


essentia
Clínica de Psiquiatria

Intensificar o sentir: um olhar social

**ÉMILY ALBUQUERQUE**

Acadêmica do 5º ano de Psicologia da UEM e membro do Instituto Psicologia em Foco.

**THAÍS KOGA**

Graduada em Jornalismo, acadêmica do 3º ano de Psicologia na UniCesumar e membro do Instituto Psicologia em Foco.

Como já dizia Fernando Pessoa, em seu pseudônimo Alberto Caeiro, “Preciso despir-me do que aprendi. Desencaixotar minhas emoções verdadeiras. Desembrulhar-me e ser eu! Uma aprendizagem de desaprendizagem”. Na tentativa de expressarmos as emoções, um dos caminhos possíveis é a arte, que permite diferentes espaços para sua compreensão. Vigotski, ao escrever o texto “Psicologia da Arte”, em 1925, percebeu a importância de falar sobre as emoções para o desenvolvimento da aprendizagem.

Ao analisar o fenômeno da emoção estética frente a uma produção artística, Vigotski refuta a concepção vigente dos psicólogos da arte do século XX de que as emoções eram decorrentes da percepção-reação. Considerando-as como um processo complexo, expandindo as questões emocionais e destacando o meio social como elemento fundamental na constituição do psiquismo, a teoria Histórico-Cultural se baseia em um processo que leva em consideração as múltiplas manifestações que desenvolvem as funções psicológicas superiores, como a linguagem, pensamento, imaginação e a própria emoção.

As emoções são primordiais para a construção da relação entre subjetividade e objetividade, portanto, são essenciais no processo de constituição das funções psicológicas superiores, principalmente no processo de desenvolvimento da imaginação. Essa, por sua vez, se utiliza da emoção para estabelecer uma relação entre o abstrato e o real, superando as possíveis contradições dualistas entre externo/interno, também desconstruindo a separação entre imaginação e pensamento realista, uma vez que ambas se desenvolvem dialeticamente. Vale ressaltar que o desenvolvimento das funções superiores, incluindo as emoções, não são casuais e estão vinculados às condições histórico-sociais.

Vigotski aprofunda seus escritos no texto “Teoria das Emoções” entre 1931 e 1933. Entretanto, a teoria não



foi tão difundida, pois ficou inacabada devido ao seu falecimento. Ainda assim, muitos autores a utilizam para explicar a unidade entre os fenômenos psicológicos e a atividade humana, ressaltando o papel ativo das emoções, que pode ser desenvolvida e transformada.

Nesse sentido, para a Psicologia Histórico-Cultural é fundamental compreender as emoções de forma contextualizada com a realidade, em que o homem transforma o meio no qual está inserido e, consequentemente, é transformado. A partir das mediações e se apropriando de recursos materiais, torna-se possível o desenvolvimento dos fenômenos psicológicos mais complexos, como a percepção das emoções e possíveis ações que podem ser realizadas conforme o contexto histórico, social e cultural. Apesar da Teoria das

Emoções ter ficado incompleta, Vigotski revolucionou o pensamento da época, predominantemente biológico, criando uma teoria que ainda contribui e embasa diferentes vertentes do conhecimento humano.

O sentir permeia as relações humanas, indo além da dicotomia entre o interno e externo, sendo a emoção uma das funções psicológicas necessárias para a apropriação da realidade objetiva. Os significados sociais das situações e experiências cotidianas podem receber um sentido pessoal por meio do olhar proporcionado pela emoção. Sentir é olhar para o mundo com lentes produzidas pelo movimento da vida, pelo movimento que constitui minhas vivências singulares imersas na realidade social. ■

COMPORTAMENTAL



Amor e comportamento: um olhar comportamentalista radical

CHRISTIAN REIS

Acadêmico do 4º ano de Psicologia na UEM e membro do Instituto Psicologia em Foco.

A psicologia sempre se preocupou em explorar a compreensão dos fenômenos psicológicos que permeiam a vida humana. Nessa perspectiva, talvez a fonte de maior fascínio seja o campo das emoções. Durante eras, o universo emotivo foi investigado: a filosofia, a ciência psicológica, a arte – entre outros campos de conhecimento – teorizaram sobre as afecções humanas, extrapolando, muitas vezes, os limites da imaginação. E, muito embora dentro do imenso leque de emoções experienciadas por seres humanos haja espaço suficiente para que coexistam inúmeros tipos delas, uma em específico (quase sempre) ganha destaque. Falaremos de amor.

A filosofia comportamentalista radical entende o amor de maneira peculiar. Seu principal representante, B. F. Skinner (1904-1990), se distancia de teorias tradicio-

nais de compreensão das emoções na medida em que estabelece outros pontos de partida para suas análises. Primeiramente, a análise skinneriana não concebe o indivíduo separado do mundo em que vive. Isso quer dizer que, a explicação de seus comportamentos estará sempre atrelada à análise de sua relação com o ambiente em que está inserido. Sendo assim, em um viés analítico comportamental skinneriano, emoções são comportamento, e não sua causa. Em outras palavras, amar é se comportar. Mas o que isso quer dizer?

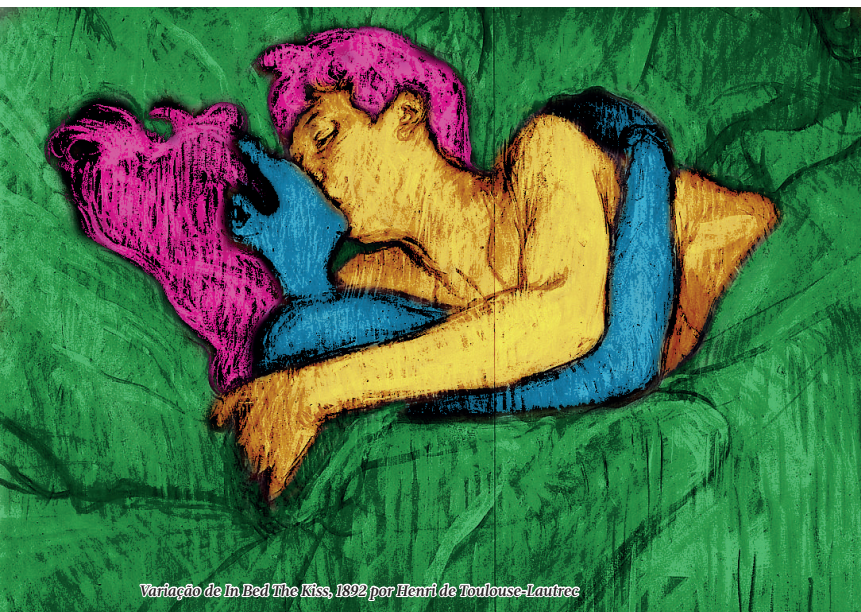
Para que seja possível entender o raciocínio de Skinner, é preciso esclarecer, de antemão, dois pontos importantes. O primeiro ponto diz respeito à noção de comportamento operante: sua principal característica é a transformação e construção do mundo, sempre a partir da produção de consequências que, por sua vez, afetam o próprio indivíduo – em poucas palavras, me comporto, mudo o mundo (produzo consequências) e sou mudado por ele (as consequências que produzi me afetam e me modificam). O segundo ponto é a ideia de que todo e qualquer tipo de emoção é entendida, nessa análise, não como causa de comportamentos – ou seja, emoções não precedem comportamentos, tampouco os explicam – e sim, como probabilidades de ação. Em outras palavras, digo que sinto tristeza ou felicidade quando há uma grande probabilidade de que me comporte, respectivamente, de modo triste ou feliz.

Uma vez esclarecidas tais premissas, podemos começar a olhar o amor através das lentes compor-

tamentalistas radicais. Da mesma maneira que, quando experiencio tristeza ou felicidade, constato que digo isso baseando-me na grande probabilidade de que me comporte de maneiras tristes ou felizes, quando me comporto de maneira amorosa, digo que sinto amor. No caso do amor romântico – do grego *philia* – comportamentos de cuidado, atenção, carinho, companhia etc. têm alta probabilidade de ocorrência, e isso se infere a partir da alta frequência com que são emitidos.

E qual a relação da emissão de comportamentos amorosos, ou seja, do sentir amor, com o comportamento operante? Se tudo que foi dito até aqui for levado em consideração, aparentemente só senti-mos quaisquer emoções por que há comportamen-to operante. Ao me comportar de maneira amorosa (e, por consequência, sentindo amor), estou produ-zindo consequências no mundo ao meu redor. Tais consequências que seguem os comportamentos amorosos (ou tristes, felizes etc.), se produzidas em um ambiente reforçador – ou seja, no qual existem pessoas que, em resposta ao meu comportamento de amar, se comportam assim também – fazem com que eu me comporte de modo amoroso novamente, aumentam minhas probabilidades de ação, e, assim, aumentam o “amor”. Por isso, quando amam, indiví-duos tendem a se comportar cada vez mais em fun-ção da pessoa de quem gostam: suas probabilidades de agir de maneiras amorosas aumentam, pois seus comportamentos são reforçados por quem é amado.

Assim, amar não está só no pensar, no sentir, ou na contemplação de alguém ou algum objeto em especí-fico. Amar é ação, agir em função de. Que possamos nos comportar mais, e, nos comportando, amarmos, odiarmos, nos sentirmos felizes ou tristes, mas, prin-cipalmente, nos emocionarmos. ■



Variation of In Bed The Kiss, 1892 por Henri de Toulouse-Lautrec

CENTRO DE TERAPIA COGNITIVA VEDA | Clínica, Ensino e Pesquisa

PRESENTE EM CINCO UNIDADES PELO BRASIL

Todos os cursos reconhecidos pelo MEC

CURSOS

Especialização em Terapia Cognitivo Comportamental (TCC) em Adultos

Especialização em TCC em Crianças e Adolescentes

Proficiência em Terapia Cognitivo Comportamental

Unidade Maringá: Especialização em Terapia Cognitivo Comportamental



CTC Veda

Clínica, Ensino e Pesquisa

Informações

44 3025.7832
ctcvedamaringa@gmail.com
www.ctcveda.com.br



O Quarto de Jack

CIBELE CHACON

Jornalista e crítica de cinema, membro da Sociedade Brasileira de Blogueiros Cinéfilos e Pós-graduanda em Linguagem Audiovisual e Cinema.

Delicado, profundo e com uma premissa monstruosa, **O Quarto de Jack** é um suspense dramático em que o público se torna cúmplice do protagonista, Jack, um menino de cinco anos que vai percebendo a vida além das quatro paredes do seu “quarto”. Há um mundo lá fora. Mas para ele, isso não passa de um conto de fadas.

Fruto de estupro sofridos pela mãe, Joy, sequestrada aos 16 anos, Jack acredita que todo o universo se limita ao quarto em que vive, com uma cozinha improvisada, banheiro, poucos alimentos e quase nenhum brinquedo. Para tentar apresentar uma realidade mais otimista ao filho, Joy criou um universo particular com o pouco que tinha, contando histórias fantásticas e rejeitando o mundo externo. Mas isso muda quando, no aniversário do garoto, ela decide contar toda a verdade e planejar uma fuga.

É impossível não relacionar o filme ao mito da caverna de Platão, em que há a quebra de uma realidade unidimensional e Jack precisa absorver o mundo. Lenny Abrahamson filma essa relação de perto, tomando cada

cena um retrato íntimo do confinamento. De início, o tom é mais inocente, parecendo quase um cotidiano normal em que o filho idolatra a mãe, brincam juntos, constroem coisas, fazem planos e brigam, às vezes. O garoto nem imagina que exista outro jeito de viver, mas é obrigado a aprender.

Mesmo fora do quarto, a câmera rodeia o que Jack vê, aproximando o espectador de sua percepção espacial e sensorial. Ele ganha o mundo, mas passa a lidar com uma prisão diferente. Externamente ao cárcere, Joy também não consegue mais se reconhecer, afinal, há muito mais para ser vivido do que o papel ao qual se dedicou por tanto tempo. Interpretada pela extraordinária Brie Larson, ganhadora do Oscar por essa atuação, a personagem mostra o contraste de personalidade, o olhar apreensivo, os gestos inseguros de quem deixou de ser o centro do mundo do filho para se tornar apenas parte dele.

O pequeno Jacob Tremblay, que interpreta Jack, apresenta um trabalho grande, sem o menor esforço para atuar, soando extremamente natural a cada cena. É muito fácil acreditar que ele nunca havia visto o mundo antes. A narração realizada pelo personagem também contribui muito para ilustrar o sentimento de Jack, seja de felicidade, medo, descobrimento, angústia ou



terror. Claro que Emma Donoghue assinar o roteiro baseado em seu próprio livro, ajudou muito na construção de todo o filme.

O Quarto de Jack, de alguma maneira, fala sobre a experiência de ter um filho, independentemente da situação enfrentada – e claro, a apresentada no filme é aterradora. A mãe cria uma versão de mundo, deixa a criança saber algumas coisas, esconde outras e tenta protegê-la a qualquer custo. E como Jack diz em determinado momento do filme: “As coisas não param de acontecer”. ■

CINEMA



Afinal de contas, a literatura serve para quê?

ESTELA SANTOS

Mestranda em Estudos Literários na UEM, Graduada em Letras – Português e Literaturas correspondentes, coeditora e colunista do site Homo Literatus e colunista do jornal O Duque.

Uma vez ou outra na vida nos perguntamos qual é a finalidade da literatura, isto é, para quê ela serve. Muitas podem ser as respostas. Uns dizem que a literatura é um grande entretenimento porque distrai, diverte, tira-nos do tédio. Enquanto outros dizem que é um meio de crescermos intelectualmente, uma vez que ela nos põe em contato com os mais diversos momentos históricos, culturais e políticos.

Para falar sobre a literatura bem como seu papel na sociedade, nada melhor do que darmos ouvidos ao que disse Antônio Candido, importante sociólogo e crítico literário brasileiro, em textos como *A literatura e a formação do homem* e *Direitos humanos e Literatura*.

Candido defende que a literatura tem papel humanizador e pode ser capaz de exprimir o homem, sem deixar de atuar, ao mesmo tempo, em sua formação. Segundo ele, todo ser humano, independente da idade, precisa consumir ficção/fabulação, pois ninguém pode passar um dia sem criar, imaginar, contar piadas ou histórias mais elaboradas, passando apenas a conviver com a dura realidade. Isto é,

ninguém é capaz de ficar as vinte quatro horas de um dia sem momentos de entrega ao “universo fabulado”.

O sociólogo e crítico literário assevera que a literatura deveria ser um direito básico do ser humano, uma vez que a ficção/fabulação atua no caráter e na formação dos sujeitos. A literatura, nesse sentido, deve corresponder a uma necessidade universal, pois trata-se de um “sonho acordado da civilização”, atuando como fator essencial para confirmar o ser humano em sua humanidade, tanto consciente quanto inconscientemente.

Para ele, a literatura é tão importante quanto as formas evidentes de inculcamento intencional, tais como a educação familiar e escolar. As sociedades possuem suas manifestações literárias, sejam elas literárias, poéticas ou dramáticas, e as recriam constantemente em decorrência da reiteração de suas crenças, seus sentimentos e suas normas, fortalecendo, assim, a sua existência e atuação social.

Nas palavras do próprio Antônio Candido, o processo de humanização por meio da literatura “confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capaci-

dade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos à natureza, à sociedade e ao semelhante”.

A arte literária, vale ressaltar, não é inofensiva, mero objetivo de distração. Ao transfigurar o real, ela carrega tanto o bem como o mal. E ao sintetizar o real, o texto de uma obra oferece aos leitores uma visão de mundo no qual vivem ou que poderiam um dia viver, de modo que possam compreender os papéis que desempenham ou desempenhariam nele.

A literatura pode mutilar personalidade, dar forma aos sentimentos e à visão do mundo. Pode nos organizar, libertar do caos e, portanto, humanizar-nos. Uma literatura que foque nas situações de restrição dos direitos básicos, ou até mesmo em situações de negação desses direitos, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual, pode ser um instrumento consciente de desmascaramento de detentores do poder em uma sociedade. Sendo assim, a literatura tem muito a ver com os direitos humanos.

A arte da palavra, também conhecida como literatura, permite ao homem conhecer a si mesmo, a própria realidade e até mesmo realidades mais distantes, o que, consequentemente, direciona um poderoso despertar de senso crítico. Desse modo, o texto literário serve de meio para o conhecimento do mundo e do ser humano, ou seja, pode ser o meio fundamental para o processo de humanização de todos nós. No entanto, vale ressaltar, embora a literatura tenha a sua função formadora e humanizadora, ela não deve ser confundida como uma espécie de missão pedagógica e moralizante, a qual deve ser exercida por escritores e escritoras. ■

LITERATURA

AGENDA

JORNAL PSICOLOGIA EM FOCO No 30 – ABRIL, MAIO E JUNHO DE 2016 | 18

A **Oficina do Saber** do dia 02 de Junho será ministrada por **Luiz José Veríssimo**, psicólogo, graduado pela PUC-RJ (1991); graduação (2005), mestrado (1997) e doutorado (2002) em Filosofia pela UERJ; Pós-Doutor em Filosofia na UERJ (2015); graduação em Comunicação Social pela UFRJ (1983). Formação em Psicologia Clínica pelo Centro de Psicoterapia Vivencial (1991). Atualmente é professor de Psicologias Existenciais e Humanistas e de Ética na Universidade Veiga de Almeida (UVA). Professor do Curso de Pós Graduação Lato Sensu Psicologia Junguiana, Arte e Imaginário na PUC-RJ. Professor do Curso de Formação em Psicoterapia Existencial do Centro de Psicoterapia Existencial. Membro da SEAF (Sociedade de Estudos e Atividades Filosóficas). Publicou trabalhos (livros, artigos, capítulos de livro) nas áreas de Ética, Filosofia da Religião, Psicologias Existenciais e Humanistas.

amor e paixão nas relações

a partir de um enfoque existencial e humanista

02.06

Luiz José Veríssimo

palestrante

19h30 às 22h — palestra

horário

puc maringá

local

institutopsicologiaemfoco.com.br

inscrições pelo site



Oficina do Saber

realização

Chierito
Feltros

VERMELHO PANDA
design

apoio



PUCPR
Câmpus Maringá
GRUPO MARISTA

patrocínio



InPACi

essentia
Clínica de Recursos

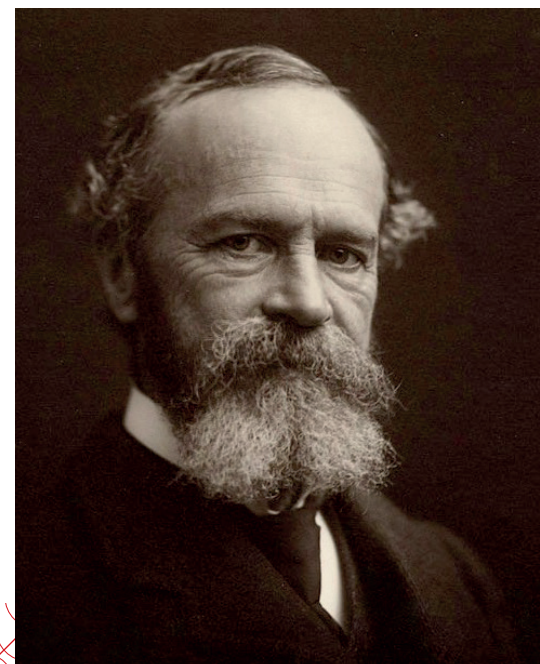


MARIA CRISTINA RECCO
Psicóloga Junguiana
CRP 08/1453
44 8802-1360

VOCÊ SABIA?

A teoria das emoções James- Lange

O psicólogo William James (1842-1910) desenvolveu junto a seu colega Carl Lange (1834 – 1900) uma teoria das emoções. Para estes autores, as emoções derivam das percepções da mente consciente a respeito de nossas condições fisiológicas. Um exemplo utilizado para ilustrar tal teoria é o de um encontro de um indivíduo com um urso. Dali, a pessoa sairia correndo, mas não por sentir medo ao ver o urso, e sim por que, o medo é originado pela ação de correr após ver o urso. Para James, a percepção da mente sobre os efeitos físicos do correr (aumento da frequência cardíaca, respiração ofegante e transpiração) se traduziria na emoção de medo. Outro exemplo seria sentir-se feliz por ter consciência de estar sorrindo e não o contrário.



1º ENCONTRO DE I CHING EM MARINGÁ

Dias 25 e 26 de JUNHO de 2016
(sáb 8h30/17h e dom 8h30/12h)

– Estabelecendo relações com o I Ching e aproximando-se do Mestre Interior.



– Jung e I Ching: acesso ao inconsciente, sincronicidade e o oráculo chinês na Psicologia Analítica.

– Aprendendo a formular questões, consultar e entender as respostas dos hexagramas.

Na noite da sexta, dia 24/6 haverá palestra aberta

Professor Jubal S Dohms é especialista em Psicologia Analítica e Religião Oriental e Ocidental; estudioso das artes e da sabedoria do Oriente, artista gráfico, poeta, editor.



Coordenação:
Maria Cristina Recco CRP 08/1453

INSCRIÇÕES:
44 3028-4828
R\$ 700,00 (vagas limitadas)

FIQUE BEM INFORMADO

Leia as edições de nosso
jornal também online:

www.institutopsicologiaemfoco.com.br



www.lindali.com.br | www.iciintercambio.com.br
facebook.com/lindaliviagenseturismo
facebook.com/intercambioICI

VIAJAR É BOM

piratas

VIVA UMA EXPERIÊNCIA ICI: FAÇA TRABALHO VOLUNTÁRIO NA ÁFRICA

Viva a experiência de ajudar crianças a terem uma melhor qualidade de vida. Conheça o programa de voluntariado do ICI e trabalhe numa escola para crianças especiais, com foco no autismo, na Cidade do Cabo. Esta é a sua chance para aprimorar o seu inglês ajudando quem mais precisa e aproveitar para conhecer um dos países mais culturais do mundo.

Programa focado para profissionais da área de educação, psicologia e pedagogia que tenham amor e vontade de aprender mais sobre este tema e queiram desenvolver projetos focados para necessidades especiais.



(44) 3305-3662

Av. Rio Branco, 155 - Zona 04 - Maringá - PR

(43) 3029-0203

Av. Ayrton Senna, 300 - Gleba Palhano - Londrina - PR

